

DOMINGO III DA PÁSCOA

CIC 642-644, 857, 995-996: os apóstolos e os discípulos, testemunhas da Ressurreição

- 642** Tudo quanto aconteceu nestes dias pascais empenha cada um dos Apóstolos – e muito particularmente Pedro – na construção da era nova, que começa na manhã do dia de Páscoa. Como testemunhas do Ressuscitado, eles são as pedras do alicerce da sua Igreja. A fé da primeira comunidade dos crentes está fundada no testemunho de homens concretos, conhecidos dos cristãos e, a maior parte, vivendo ainda entre eles. Estas «testemunhas da ressurreição de Cristo»¹ são, em primeiro lugar, Pedro e os Doze. Mas há outros: Paulo fala claramente de mais de quinhentas pessoas às quais Jesus apareceu em conjunto, além de Tiago e de todos os Apóstolos².
- 643** Perante estes testemunhos, é impossível interpretar a ressurreição de Cristo fora da ordem física e não a reconhecer como um facto histórico. Resulta, dos factos, que a fé dos discípulos foi submetida à prova radical da paixão e morte de cruz do seu Mestre, por este de antemão anunciada³. O abalo provocado pela paixão foi tão forte que os discípulos (pelo menos alguns) não acreditaram imediatamente na notícia da ressurreição. Longe de nos apresentar uma comunidade tomada de exaltação mística, os evangelhos apresentam-nos os discípulos abatidos (de «rosto sombrio»: *Lc 24, 17*) e apavorados⁴. Foi por isso que não acreditaram nas santas mulheres, regressadas da sua visita ao túmulo, e «as suas narrativas pareceram-lhe um desvario» (*Lc 24, 11*)⁵. Quando Jesus apareceu aos onze, na tarde do dia de Páscoa, «censurou-lhes a falta de fé e a teimosia em não quererem acreditar naqueles que O tinham visto ressuscitado» (*Mc 16, 14*).
- 644** Mesmo confrontados com a realidade de Jesus Ressuscitado, os discípulos ainda duvidam⁶, de tal modo isso lhes parecia impossível: julgavam ver um fantasma⁷. «Por causa da alegria, estavam ainda sem querer acreditar e cheios de assombro» (*Lc 24, 41*). Tomé experimentará a mesma provação da dúvida⁸, e quando da última aparição na Galileia, referida por Mateus, «alguns ainda duvidavam» (*Mt 28, 17*). É por isso que a hipótese, segundo a qual a ressurreição teria sido um «produto» da fé (ou da credulidade) dos Apóstolos, é inconsistente. Pelo contrário, a sua fé na ressurreição nasceu – sob a acção da graça divina – da experiência directa da realidade de Jesus Ressuscitado.

¹ Cf. *Act 1, 22*.

² Cf. *1 Cor 15, 4-8*.

³ Cf. *Lc 22, 31-32*.

⁴ Cf. *Jo 20, 19*.

⁵ Cf. *Mc 16, 11.13*.

⁶ Cf. *Lc 24, 38*.

⁷ Cf. *Lc 24, 37*.

⁸ Cf. *Jo 20, 24-27*.

- 857** A Igreja é apostólica, porque está fundada sobre os Apóstolos. E isso em três sentidos:
- foi e continua a ser construída sobre o «alicerce dos Apóstolos» (*Ef* 2, 20⁹), testemunhas escolhidas e enviadas em missão pelo próprio Cristo¹⁰;
 - guarda e transmite, com a ajuda do Espírito Santo que nela habita, a doutrina¹¹, o bom depósito, as sãs palavras recebidas dos Apóstolos¹²;
 - continua a ser ensinada, santificada e dirigida pelos Apóstolos até ao regresso de Cristo, graças àqueles que lhes sucedem no ofício pastoral: o colégio dos bispos, «assistido pelos presbíteros, em união com o sucessor de Pedro, pastor supremo da Igreja»¹³:
- «Pastor eterno, não abandonais o vosso rebanho, mas sempre o guardais e protegeis por meio dos santos Apóstolos, para que seja conduzido através dos tempos, pelos mesmos chefes que pusestes à sua frente como representantes do vosso Filho, Jesus Cristo»¹⁴.
- 995** Ser testemunha de Cristo é ser «testemunha da sua ressurreição» (*Act* 1, 22)¹⁵, é «ter comido e bebido com Ele depois da sua ressurreição dos mortos» (*Act* 10, 41). A esperança cristã na ressurreição é toda marcada pelos encontros com Cristo ressuscitado. Nós ressuscitaremos como Ele, com Ele e por Ele.
- 996** Desde o princípio que a fé cristã na ressurreição se deparou com incompreensões e oposições¹⁶. «Não há ponto em que a fé cristã encontre mais contradição do que o da ressurreição da carne»¹⁷. É bastante comum a aceitação de que, depois da morte, a vida da pessoa humana continua de modo espiritual. Mas como acreditar que este corpo, tão manifestamente mortal, possa ressuscitar para a vida eterna?

CIC 553, 641, 881, 1429: Cristo Ressuscitado e Pedro

- 553** Jesus confiou a Pedro uma autoridade específica: «Dar-te-ei as chaves do Reino dos céus: tudo o que ligares na terra será ligado nos céus; tudo o que desligares na terra será desligado nos céus» (*Mt* 16, 19). O «poder das chaves» designa a autoridade para governar a Casa de Deus, que é a Igreja. Jesus, o «bom Pastor» (*Jo* 10, 11), confirmou este cargo depois da sua ressurreição: «Apascenta as minhas ovelhas» (*Jo* 21, 15-17). O poder de «ligar e desligar» significa a autoridade para absolver os pecados, pronunciar juízos doutrinários e tomar decisões disciplinares na Igreja. Jesus confiou esta autoridade à Igreja pelo ministério dos Apóstolos¹⁸, e particularmente pelo de Pedro, o único a quem confiou explicitamente as chaves do Reino.

⁹ Cf. *Ap* 21, 14.

¹⁰ Cf. *Mt* 28, 16-20; *Act* 1, 8; *I Cor* 9, 1; 15, 7-8; *Gl* 1, 1; etc.

¹¹ Cf. *Act* 2, 42.

¹² Cf. 2 *Tm* 1, 13-14.

¹³ II CONCÍLIO DO VATICANO, Decr. *Ad gentes*, 5: AAS 58 (1966) 952.

¹⁴ *Prefácio dos Apóstolos I. Missale Romanum*, editio typica (Typis Polyglottis Vaticanis 1970), p. 426 [*Missal Romano*, Gráfica de Coimbra 1992, p. 493].

¹⁵ Cf. *Act* 4, 33.

¹⁶ Cf. *Act* 17, 32; *I Cor* 15, 12-13.

¹⁷ SANTO AGOSTINHO, *Enarratio in Psalmum* 88, 2, 5: CCL 39, 1237 (PL 37, 1134).

¹⁸ Cf. *Mt* 18, 18.

641 Maria Madalena e as santas mulheres, que vinham para acabar de embalsamar o corpo de Jesus¹⁹, sepultado à pressa por causa do início do Sábado, no fim da tarde de Sexta-feira Santa²⁰, foram as primeiras a encontrar-se com o Ressuscitado²¹. Assim, as mulheres foram as primeiras mensageiras da ressurreição de Cristo para os próprios Apóstolos²². Em seguida, foi a eles que Jesus apareceu: primeiro a Pedro, depois aos Doze²³. Pedro, incumbido de consolidar a fé dos seus irmãos²⁴, vê, portanto, o Ressuscitado antes deles e é com base no seu testemunho que a comunidade exclama: «Realmente, o Senhor ressuscitou e apareceu a Simão» (Lc 24, 34.36).

881 Foi só de Simão, a quem deu o nome de Pedro, que o Senhor fez a pedra da sua Igreja. Confiou-lhe as chaves desta²⁵ e instituiu-o pastor de todo o rebanho²⁶. «Mas o múnus de ligar e desligar, que foi dado a Pedro, também foi dado, sem dúvida alguma, ao colégio dos Apóstolos unidos ao seu chefe»²⁷. Este múnus pastoral de Pedro e dos outros apóstolos pertence aos fundamentos da Igreja e é continuado pelos bispos sob o primado do Papa.

1429 Testemunho disto mesmo é a conversão de Pedro, depois de três vezes ter negado o seu mestre. O olhar infinitamente misericordioso de Jesus provoca-lhe lágrimas de arrependimento²⁸ e, depois da ressurreição do Senhor, a tríplice afirmação do seu amor para com Ele²⁹. A segunda conversão tem, também, uma dimensão *comunitária*. Isto aparece no apelo dirigido pelo Senhor a uma Igreja inteira: «Arrepende-te!» (Ap 2, 5-16).

Santo Ambrósio diz das duas conversões que, na Igreja, «existem a água e as lágrimas: a água do Baptismo e as lágrimas da Penitência»³⁰.

CIC 1090, 1137-1139, 1326: a Liturgia celeste

1090 «Na liturgia da terra, participamos, saboreando-a de antemão, na liturgia celeste, celebrada na cidade santa de Jerusalém, para a qual nos dirigimos como peregrinos e onde Cristo está sentado à direita de Deus, como ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo; com todo o exército da milícia celestial, cantamos ao Senhor um hino de glória; venerando a memória dos santos, esperamos ter alguma parte e comunhão com eles; e aguardamos o Salvador, nosso Senhor Jesus Cristo, até que Ele apareça como nossa vida e também nós apareçamos com Ele na glória»³¹.

¹⁹ Cf. Mc 16, 1; Lc 24, 1.

²⁰ Cf. Jo 19, 31.42.

²¹ Cf. Mt 28, 9-10; Jo 20, 11-18.

²² Cf. Lc 24, 9-10.

²³ Cf. 1 Cor 15, 5.

²⁴ Cf. Lc 22, 31-32.

²⁵ Cf. Mt 16, 18-19.

²⁶ Cf. Jo 21, 15-17.

²⁷ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 22: AAS 57 (1965) 26.

²⁸ Cf. Lc 22, 61-62.

²⁹ Cf. Jo 21, 15-17.

³⁰ SANTO AMBRÓSIO, *Epistula extra collectionem* 1 [41], 12: CSEL 82/3, 152 (PL 16, 1116).

³¹ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. *Sacrosanctum Concilium*, 8: AAS 56 (1964) 101; cf. Id., Const. dogm. *Lumen Gentium*, 50: AAS 57 (1965) 55-57.

- 1137** O Apocalipse de São João, lido na liturgia da Igreja, revela-nos, primeiramente, um trono preparado no céu, e Alguém sentado no trono³², «o Senhor Deus» (*Is* 6,1)³³. Depois, o Cordeiro «imolado e de pé» (*Ap* 5, 6)³⁴: Cristo crucificado e ressuscitado, o único Sumo-Sacerdote do verdadeiro santuário³⁵, o mesmo «que oferece e é oferecido, que dá e é dado»³⁶. Enfim, «o rio da Vida que corre do trono de Deus e do Cordeiro» (*Ap* 22, 1), um dos mais belos símbolos do Espírito Santo³⁷.
- 1138** «Recapitulados» em Cristo, tomam parte no serviço do louvor de Deus e na realização do seu desígnio: os Poderes celestes³⁸, toda a criação (os quatro viventes), os servidores da Antiga e da Nova Aliança (os vinte e quatro anciãos), o novo povo de Deus (os cento e quarenta e quatro mil)³⁹, em particular os mártires, «degolados por causa da Palavra de Deus» (*Ap* 6, 9-11) e a santíssima Mãe de Deus (a Mulher⁴⁰; a Esposa do Cordeiro⁴¹) enfim, «uma numerosa multidão que ninguém podia contar e provinda de todas as nações, tribos, povos e línguas» (*Ap* 7, 9).
- 1139** É nesta liturgia eterna que o Espírito e a Igreja nos fazem participar, quando celebramos o mistério da salvação nos sacramentos.
- 1326** Enfim, pela celebração eucarística, unimo-nos desde já à liturgia do céu e antecipamos a vida eterna, quando «Deus for tudo em todos» (*1 Cor* 15, 18).

³² Cf. *Ap* 4, 2.

³³ Cf. *Ez* 1, 26-28.

³⁴ Cf. *Jo* 1, 29.

³⁵ Cf. *Heb* 4, 14-15; 10, 19-21; etc.

³⁶ *Liturgia Bizantina, Anáfora de São João Crisóstomo*: F. E. BRIGHTMAN, *Liturgies Eastern and Western* (Oxford 1896) p. 378 (PG 63, 913).

³⁷ Cf. *Jo* 4, 10-14; *Ap* 21, 6.

³⁸ Cf. *Ap* 4-5; *Is* 6, 2-3.

³⁹ Cf. *Ap* 7, 1-8; 14, 1.

⁴⁰ Cf. *Ap* 12.

⁴¹ Cf. *Ap* 21, 9.